

A FOTOGRAFIA COMO INSTRUMENTO E OBJETO DE PESQUISA: IMAGENS DA IMPRENSA E DO ESTADO DO COTIDIANO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA AO MENOS - SAM (1959-1961)

TANIA MÜLLER. – PROPED / UERJ – taniammuller@yahoo.com.br

GT: História da Educação / n.02

Agência Financiadora: Sem Financiamento

Introdução

A pesquisa teve como objetivo investigar a trama histórica que originou a produção e a utilização de fotografias do cotidiano de meninas e meninos do Serviço de Assistência ao Menor – SAM – pelo Estado e pela imprensa entre 1959 e 1961.

O SAM surgiu em 1941. Em 1944, passou a atuar em âmbito nacional para prestar assistência social, educação moral, cívica, física e profissional sob todos os aspectos, aos menores desvalidos e infratores das leis penais, destinado exclusivamente às classes pobres, e subordinado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Funcionou até 1964, quando foi substituído pela FUNABEM, Fundação Nacional de Bem Estar do Menor.

A fotografia aqui é entendida como um artefato social e documento/monumento (LE GOFF, 1990) que perpetua a história de indivíduos e da sociedade, a memória coletiva, e possibilita desvendar as múltiplas faces do passado. Isso desmonta a idéia de fotografia como testemunho, evidência, prova irrefutável de verdade, como a retina do lugar de acessório do trabalho de campo.

A fotografia como instrumento e objeto de pesquisa

A pesquisa se iniciou a partir de um arquivo com 163 fotografias do Serviço de Assistência ao Menor – SAM – que estava perdido na Fundação de Amparo ao Ensino Técnico – FAETEC, e que teria sido mandado para o lixo, caso não tivesse sido recolhido e guardado por uma funcionária, que, posteriormente, permitiu a sua cópia pelo grupo de pesquisa, compondo os seguintes grupos:

1º. 127 fotos (18x24) com carimbo no verso da “Agência Nacional, datadas de 1961, com o local ou legenda da “Comissão de Sindicância”.

2º. 23 fotos (18x24) com o carimbo no verso do *Jornal do Brasil*, e em uma foto continha a seguinte legenda: “SAM – publicado em 22.8.60”.

3º. 15 fotos (9x13), com data no verso de 1948 e fev/1949

Resolvi me concentrar nos dois primeiros grupos pois ambos eram da mesma época, o que poderia estabelecer mais seguramente uma conexão entre eles.

Os diferentes autores que adotaram a fotografia como instrumento ou objeto de pesquisa, embora realizem trajetórias diferentes em suas construções metodológicas, apontam a necessidade de desconstrução do aparente, desvendando aquilo que está oculto, identificando os assuntos/temas que foram focados naquele determinado momento histórico; os fotógrafos e agências / autores das imagens e as tecnologias empregadas em sua produção, bem como o contexto em que foram realizadas e a utilização da linguagem verbal para preenchimento das brechas e silêncios deixados pela imagem..

A fotografia, como apontou Susan Sontag, tem uma multiplicidade de sentidos. Ela traria os dizeres: “aqui está a superfície. Agora pensem, ou antes, sintam, intuem o que está por detrás, como deve ser a realidade se esta é a sua aparência” (1986, p 30). Ela faz um convite ao seu desvendamento. Ressalta, porém, que um dos pontos de partida para a sua leitura está no conhecimento da realidade representada na imagem, pois seu desconhecimento poderá levar a múltiplos equívocos.

Essa intertextualidade, isto é, o estabelecimento de um diálogo entre as diferentes fontes (iconográficas, verbais, orais, literárias), permite interagir com outras visões, outras linguagens, outros discursos sobre o mesmo objeto, além de permitir sua contextualização histórico-social e cultural. Somente desse modo seria possível conduzir a análise dos textos e imagens encontrados.

A fotografia pode ser usada como fonte histórica se a tomarmos como um fragmento de realidade, um aspecto do passado, cuja decisão de registro e de fixação de um certo dado foi uma opção do autor. Para tal, faz-se necessário levantar os diversos aspectos contidos na fotografia e sua contextualização, perceber os conteúdos subjacentes e os motivos para seu registro. O saber como, por que e para que algumas imagens foram construídas pode alterar todo o seu sentido. Da mesma forma que, ao descobrir sua autoria, pode-se desvendar a visão de mundo do autor ou da agência produtora, permitindo uma leitura crítica.

A interferência do fotógrafo na cena acontece desde a invenção da fotografia. Isto ocorre no momento da escolha estética, técnica ou ideológica da reprodução da imagem, ou seja, na sua composição. Por isso, alerta o historiador inglês Peter Burke (2001) que para

romper com os mitos, nos trabalhos que utilizam as fotografias como fontes históricas, deve-se considerar principalmente que: a fotografia pode ser retocada ou alterada; pode ser usada para induzir uma idéia, uma posição do público; o fotógrafo pode "arrumar a cena" antes de fotografá-la; e teria motivos implícitos e explícitos para a escolha da composição. Assim, é preciso, do mesmo modo que se faz com os textos, fazer uma análise crítica da imagem.

De qualquer modo, a interpretação da imagem será sempre pessoal, subjetiva e múltipla, não podendo dizer que a imagem será lida da mesma forma por todas as pessoas. Isso, explica o historiador Boris Kossoy, depende do quanto o "receptor projeta de si, em função de seu repertório cultural, da sua situação socioeconômica, de seus preconceitos, de sua ideologia, razão por que as imagens sempre permitirão uma leitura plural" (2001, p.115).

Além disso, a utilização de diferentes fontes e o entendimento do contexto (levando-se em conta também a subjetividade do documento cotejado) devem ser privilegiados, pois de outro modo pode-se comprometer sua interpretação. E, como interroga Jean Keim, "quem pode estar certo de ver e menos ainda entender a imagem reproduzida, sem ter recebido antes outras informações além daquelas mostradas pela foto?" (apud KOSSOY, 2001, p. 117).

Juarez Bahia (1990) e Moacir Andrade (1985) afirmam que o fazer jornalístico é uma técnica de construção da narrativa, o que não significa que o relato pertença a um único sujeito; ao contrário, diferentes sujeitos – repórter, redator, editor, diretor – interferem na ordenação das informações, produzindo uma narrativa coletiva, porém destacam que a versão final será influenciada também pelas fontes privilegiadas para o levantamento da informação.

Lembram também que uma foto só é impactante ou ganha uma posição de denúncia se houver na sociedade, e naquele momento, uma postura moral e política que permita nos afetarmos por ela. Porém, a dimensão do impacto causado pela imagem só pode ser medida pelo grau de consciência política do público ou pelo grau de originalidade da imagem. No entanto, a permanente repetição da notícia, permite a familiarização com o fato e com o tema, levando a diminuição da indignação e a não mais provocar comoção, pois propicia sua banalização frente aos receptores.

A fotografia tanto pode despertar ou consolidar consciência, mas só terá impacto na opinião pública, "se encontrar um contexto de sentimentos e atitudes propícios". Acresce a isso que a imagem produzida, associada posteriormente ao texto escrito, orienta a leitura do receptor, e "as legendas formam o contraponto verbal das imagens" (SONTAG, 1986, p.25).

Tomando a data de 22.08.60 como referência, me dirigi ao Arquivo do *Jornal do Brasil* para verificar se naquele dia algo sobre o SAM havia sido publicado. Aos poucos fui descobrindo que várias matérias, em diferentes datas, foram publicadas, e delas fiz cópias. Um funcionário me disse que havia no arquivo uma pasta com fotografias do SAM e acabou por disponibilizá-la.

A pasta de fotografias continha 83 fotos de crianças e escolas do SAM, com as datas em que foram feitas ou noticiadas, sem os negativos, tendo registrado também no verso o nome do fotógrafo. Isso me permitiu constatar que desde 1959 vinham sendo publicadas diferentes matérias sobre o SAM. As fotos de nosso arquivo eram cópias daquelas contidas na pasta e permitiram avançar neste estudo.

Apesar de simplista, a notícia é definida pelo jornalista, diversas vezes premiado, Juarez Bahia como "tudo que o jornal publica. É o modo pelo qual o jornalismo registra e leva os fatos ao conhecimento do público" (1990, p. 35). Então ela pode ser classificada como a pequena notícia, aquela que "dá corpo ao noticiário geral do jornal"; e a grande notícia, que seria aquela que faz a primeira página, a manchete, o destaque, a grande reportagem. "Toda reportagem é notícia, mas nem toda notícia é reportagem", alerta o autor. A distinção entre elas está no detalhamento, no amplo relato dos fatos, em sua pormenorização. A reportagem apresenta as diferentes versões de um acontecimento e tem desdobramentos.

Após a busca do material disponível no arquivo do JB pude constatar que, no período de 1959 a 1963, foram divulgadas no jornal 253 notícias (total apurado na pesquisa), sendo publicadas 144 fotografias, das quais 25 saíram na primeira página. Em 1963 o tema deu origem a um suplemento especial de quatro páginas, com diferentes abordagens sobre a questão da "delinqüência juvenil"¹.

¹As matérias do suplemento especial não serão aqui discutidas por serem posteriores ao período adotado para o estudo na pesquisa e por suas imagens não comporem o arquivo em questão.

Assim, ao ordenar as fotografias encontradas, constatei que pertenciam a conjuntos diferentes de matérias, publicadas em datas e por autores diferentes, compondo cinco grupos distintos.

O **primeiro grupo** é composto por um conjunto de reportagens intitulado "*A Infância precisa de socorro urgente*", datado de março de 1959, escrito pela jornalista Ana Arruda - que lhe deu o *Prêmio Esso de Reportagem* (menção honrosa), em 1960, com fotografias de Alberto Ferreira.

No mesmo período a repórter Silvia Donato e os fotógrafos Sebastião Pinheiro e Faria de Azevedo publicaram as matérias que vão compor o chamado **segundo grupo**.

O **terceiro grupo** está composto pela série de reportagens publicadas entre novembro de 1959 e março de 1960, que divulgou a campanha de adoção de crianças, intitulada "*Adote uma criança*". Esta série de reportagem deu o *Prêmio Esso* (prêmio principal) à jornalista Silvia Donato, em 1961 (com participação na cobertura também da jornalista Ana Arruda), por evidenciar a indústria do orfanato no Brasil. Fotos de Alberto Ferreira.

O **quarto grupo** está composto pelas oito fotografias publicadas nas fotorreportagens produzidas pelo repórter-fotográfico Faria de Azevedo, entre os meses de julho e agosto de 1960.

O **quinto grupo** reúne a matéria em que foi publicada a última foto de nosso arquivo, e que retrata os instrumentos de tortura utilizados no SAM, denunciados pelo Deputado Jorge Valadão, dando origem a formação de uma Comissão de Sindicância do SAM.

As imagens produzidas, embora pertencentes a conjuntos diferentes de matérias, tiveram um caráter relevante na construção narrativa e foram utilizadas tanto para sensibilizar, comover ou complementar o texto quanto como elemento principal, situando o texto como seu complemento.

Coube a pergunta: a série de reportagens publicadas pelo jornal sobre as crianças do SAM resultou numa maior disposição, por parte das autoridades, em solucionar os problemas? Penso que sim, porque, conforme foi publicado, uma Comissão de Sindicância foi implantada, vinculada diretamente ao Gabinete do Ministro, com a determinação de

apurar as irregularidades e denunciar os culpados. Mas qual foi o resultado efetivo deste trabalho?

Mesmo que as fotorreportagens não tenham produzido mudanças institucionais, ao menos contribuíram para alertar à sociedade carioca sobre as condições de vida das crianças e adolescentes tutelados e provocar uma discussão sobre o modelo de atendimento oferecido. Por isso, após a sua leitura posso dizer que o jornal, de certa forma, cumpriu seu papel social e as fotografias podem hoje ser vistas por seu caráter documental e, portanto, como memória coletiva.

A partir da descoberta da notícia publicada (“Comissão de Sindicância do SAM”) pude estabelecer uma ponte com as fotos da Agência Nacional, levando-me a pensar que elas poderiam estar relacionadas com as reportagens feitas pelo JB. Assim, as fotos da Agência podem ter sido produzidas com a intenção de registrar as diversas situações encontradas pela Comissão no SAM. Essa reflexão me levou diretamente ao Arquivo Nacional, órgão detentor dos arquivos da Agência Nacional.

A Agência, naquele período, era subordinada à Diretoria Geral do Departamento Nacional de Imprensa do Ministério da Justiça e tinha como função a distribuição de notícias e fotografias do cotidiano das autoridades e instituições públicas à imprensa da Capital e Estados.

Era importante verificar se existia algum documento disponível para pesquisa sobre essa Comissão. Concentrei-me, inicialmente, em descobrir quem foi o fotógrafo responsável pelas fotografias do SAM. Solicitei os arquivos do Departamento fotográfico da Agência Nacional para ver se encontrava alguma pista de como localizar o autor. Na pasta da seção de pessoal havia o registro do livro de ponto dos fotógrafos do departamento do ano de 1961. Verificando o livro e comparando-o com as datas das fotos do meu arquivo, constatei que coincidiam com o registro de “serviço externo” no lugar da assinatura do funcionário José da Cruz Vaz de Oliveira, o que me fez supor que talvez fosse ele o autor das fotografias do SAM.

Fui informada que o acervo do SAM pertence ao fundo da Fundação Centro Brasileiro para a Infância e Adolescência (FCBIA) e que a transferência da documentação para o Arquivo Nacional "não veio acompanhada de nenhuma relação que permitisse o

efetivo controle e a comprovação do que realmente foi transferido" (BRASIL, 2004), estando ainda em fase de catalogação e indisponível ao público.

Por sorte, e pelo empenho e dedicação de uma funcionária que se dispôs a procurar entre os "cinco quilômetros de documentos do SAM arquivados, aguardando catalogação", conseguiu localizar no Arquivo Nacional uma cópia do relatório produzido pela Comissão de Inquérito que ficou no SAM e depois sob a guarda da Funabem e da FCBIA. (ainda não se sabe a localização do relatório original; provavelmente encontra-se no Arquivo Nacional de Brasília, visto que toda a documentação do Ministério da Justiça do período de 1960/61 está sob sua guarda, mas ainda não catalogado). A cópia obtida não contém as fotos, mas constam indicações delas dentro do documento. Dois dados pude apurar de início: 340 fotografias foram tiradas e anexadas ao relatório; e o fotógrafo José Cruz Vaz de Oliveira tinha trabalhado como auxiliar dos peritos no setor fotográfico.

Defino esse material como *narrativas do cotidiano* de crianças e adolescentes sob tutela do Estado. Minha intenção, aqui, então, é a de recuperá-las, visto sua importância para a compreensão das histórias do cotidiano das diversas vidas que passaram pelo SAM, e que não expô-las significaria calá-las mais uma vez, condenando-as novamente ao abandono e esquecimento. Empilhar, arquivar, silenciar é o que se tem feito com as histórias de meninos e meninas que um dia ficaram, autoritariamente, ou por total falta de opção, sob os cuidados do Estado.

Cabe dizer, no entanto, que estou tomando essas crianças e adolescentes como aqueles que "ainda que encarcerados num mesmo perfil, mostraram-se diferentes em suas singularidades porque tiveram suas próprias formas de resistência" (BERNAL, 2004, p.34). Resistências tramadas silenciosamente, reveladas na inadequação do comportamento ou por burlarem as regras impostas, nas fugas constantes ou por formas mais violentas como as rebeliões.

O documento final produzido pela Comissão de Sindicância relata que as várias irregularidades encontradas, tanto técnicas como administrativas, não causaram surpresas, pois repetiam-se "praticamente desde a criação do SAM, em 1941, com maior ou menor intensidade, nessa ou naquela Administração" e caracterizavam a própria instituição, exposta à exacração pública e estigmatizada, irremediavelmente, perante toda a sociedade (BRASIL, 1961d, p.1).

O que se vê foram descrições minuciosas das condições degradantes e desumanas em que viveram mais de 3000 crianças e adolescentes confinadas nas instituições. Cada uma delas com uma série e sérios problemas, e que submeteram os alunos e alunas ao máximo de privações: amontoamento, promiscuidade, maus-tratos, negligência, abandono e inexistência de qualquer privacidade ou preservação de sua individualidade, além de não existir nenhum projeto de reinclusão social. Este cenário permite que se caracterize o SAM como um espaço meramente repressivo, segregador, punitivo, de permanente desrespeito à dignidade e aos direitos humanos.

Na verdade, as mudanças ocorridas ou não na instituição retratam os diferentes investimentos ou desinteresses em cada período pelo Estado, mas também a inoperância, incompetência e em alguns casos até perversão dos seus dirigentes. Se tomarmos o SAM, como foi definido pela Comissão, como “um depósito de sucata”, e entendendo sucata como coisa sem utilidade, veremos que ele era visto como um depósito de restolho humano, um lugar para aqueles que ninguém queria, e, portanto, é possível compreender por que a sociedade se calou ante aos fatos como também os seus dirigentes. De outro modo, o silêncio perante a situação narrada é incompreensível e injustificável.

As fotos da Agência Nacional tinham o objetivo de registrar o trabalho realizado pela Comissão de Sindicância do SAM e o estado em que encontravam as instituições visitadas. Embora fosse uma prática a utilização de fotografias nos relatórios anuais encaminhados ao Ministério da Justiça pelas instituições a ele subordinadas, talvez o que permita diferenciar este dos demais, pode ter sido que as fotografias foram usadas não como ilustração, mas como complemento do texto, além da quantidade de imagens produzidas comprovando sua realização (340), perpetuando sua intenção, que sem o registro fotográfico poderia não ter sobrevivido.

O fotógrafo estava ali para documentar e para tal percorreu todas as unidades do SAM, durante vários meses, acompanhando os membros da Comissão, registrando seu trabalho, as entrevistas com instrutores, professores, diretores ou apenas observando meninos e meninas em atividades. Isso pode ser visto nas diferentes fotografias, quando os membros da Comissão ou são colocados em primeiro plano ou em último. Este destaque enfatiza a idéia de que o que está sendo observado pelo leitor, também o foi pela Comissão.

Desse modo, cria uma cumplicidade na leitura das imagens e dá credibilidade ao que foi retratado e ao texto escrito que as acompanha.

Outro fato importante de destacar é que o fotógrafo poderia ter optado por fotografar apenas imagens de prédios e ambientes ausentes de crianças e adolescentes, pois para o estudo que a Comissão fazia isso bastaria. No entanto, optou por produzir cenas que captavam a dinâmica cotidiana dos alunos, apresentando uma naturalidade e mobilidade no registro nesses *espaçostempos de aprender* (ALVES, 1998, 2201).

O fotógrafo abordou o assunto, não apenas como um mero registro de fatos, mas tentando significar a realidade a qual estava situado, captando pequenos detalhes e recolhendo impressões do cotidiano. Com isso, pode-se dizer que o trabalho do fotógrafo assumiu a função de denúncia das condições de vida de meninos e meninas do SAM e teve as características do fotojornalismo: há flagrante, há movimento, há informação.

Numa primeira leitura das imagens vemos: crianças correndo; moças brincando de roda; meninos posando para a foto; garotos sorridentes carregando cestas de verduras; etc. As imagens aparentam um cotidiano tranquilo e harmônico e podem induzir o leitor/observador à idéia de que no SAM, apesar das críticas, as crianças eram felizes, tratadas e educadas.

Mas as imagens retratam também os diferentes espaços onde se constroem os cotidianos: banheiros, refeitório, cozinhas, dormitórios e pátios. Algumas são carregadas de dramaticidade pelo seu estado de depredação. Outras enfatizam a sua grandiosidade: os galpões das oficinas, os terrenos, as plantações e os campos cultivados.

Numa segunda leitura, em conjunto com o texto produzido pela Comissão, que se reportou seguidas vezes as fotografias em anexo, ou como disse, “as fotografias anexas dizem melhor do que as palavras o que aí ocorre”, pode-se ver o cotidiano vazio de objetos pessoais e de atividades dinâmicas e interessantes. O conjunto de imagens representa o estado de decadência e de penúria em que as crianças viviam, constatado pela escassez do mobiliário, de material e de vestuários, ou pelo desmonte e destruição dos ambientes de uso diário e coletivo.

Ele retratou um amplo leque de aspectos da vida na instituição, embora o enfoque adotado mostre as imperfeições das escolas visitadas. Apesar de não focar explicitamente a dor, o sofrimento ou o aborrecimento das meninas e meninos, evidencia o que faziam e

como eram tratados. Em quase todas as fotos em que os alunos estão retratados, chama a atenção o uso de uniforme e os pés descalços. O uso de uniformes pode ser lido como a tentativa de destituí-las de singularidades e os pés descalços como a economia imposta e desleixo da instituição.

Nas fotos pode-se ver as diferentes *táticas de praticantes* (CERTEAU, 2003). O menino que fez uma gracinha qualquer para tirar a foto e depois olha por sobre o ombro do colega para ver a expressão da instrutora de costura. Ou, enquanto o perito interroga o mestre da oficina, o menino observa o fotógrafo. As palavras marcadas na parede do banheiro. Ou daquele olhar do menino para o inspetor da cozinha, que vigia o outro que deixou a tarefa e saiu detrás da pilastra para ver o que faz o fotógrafo. A menina que fica deitada no colchonete no chão do pátio enquanto a Comissão e funcionários conversam. Os meninos pendurados ou de pé sobre as grades do estábulo. O falatório no campo de futebol. As conversas trocadas enquanto se costura os sapatos ou corta o cabelo. As brincadeiras improvisadas no refeitório. As risadas e comentários das meninas durante o giro da roda. Os meninos sozinhos nas oficinas, que juntos se apropriavam dos *espaçostempos*, construindo saberes e sentidos para o cotidiano, encontrando soluções ou alternativas para a resolução dos problemas vivenciados.

Como disse Certeau são “*articulações práticas* desenvolvidas no diálogo diário com outros *praticantes do cotidiano*” (idem, p.66). Diálogos estabelecidos que permitiram superar as dificuldades ou suportá-las. Criar confrarias, apoiando-se mutuamente, amenizando a dureza do cotidiano e possibilitando a interação e a construção de afetividades. Os meninos e meninas submeteram-se, não de forma passível, mas reagindo e resistindo, através do uso de táticas que garantiram a sobrevivência, a sanidade e a subjetividade, numa “*hábil utilização do tempo*”.

Fui surpreendida, ao folhear outros exemplares do JB daquele ano, em busca de alguma nota sobre o desempenho ou resultado da comissão, com a notícia publicada: “Inquéritos serão de novo examinados”. A nota informava que o Primeiro Ministro Tancredo Neves ia nomear uma Comissão, composta de ministros aposentados do STF, desembargadores e juristas, para “dar parecer técnico sobre os resultados das comissões de inquéritos instaurados no governo do Sr. Jânio Quadros”. Essa nova Comissão teria como principal função reexaminar as conclusões apresentadas nos relatórios das equipes,

apurando os fatos delituosos e opinando pela remessa ou não dos processos à autoridade policial.

Contudo, o SAM existiu (e os meninos e meninas resistiram) por mais 3 anos, pois somente em 1964 foi extinto, dando lugar a uma outra Instituição, FUNABEM, criada para corrigir as distorções e transformar totalmente as escolas do SAM.

E essas fotografias? Elas foram usadas pelo Presidente da FUNABEM, Mário Altenfelder, num programa ao vivo na TV Globo, comandado por Dercy Gonçalves, em 1966, para comprovar o estado de depredação que encontrou o SAM e as obras de transformação realizadas por ele. A *Revista Brasil Jovem* daquele ano, produzida pela fundação, estampou, em página inteira, a foto do Presidente, junto com a Dercy, mostrando ao público essas imagens do SAM (FNBEM, 1966). Posteriormente, guardadas e esquecidas numa gaveta qualquer, de uma mesa qualquer, quando foram, e só agora, novamente reveladas. Novas leituras, outras interpretações...

Conclusão

Mas pensar este cotidiano, implica em analisar os elementos que o compõe, desvelando suas origens, seu significado e sua relação com os objetivos sócio-políticos e econômicos daquele momento histórico (ALVES, 1998). Neste sentido, as narrativas apresentadas demonstram que as falhas e as deficiências institucionais se acumularam e não foram corrigidas por falta de vontade política das autoridades competentes – apesar dos diversos planos, comissões, projetos, denúncias e críticas apresentadas –, ou por quase todos aqueles que tiveram poder para alterar o destino de crianças e adolescentes que estavam sob a tutela do SAM. O panorama traçado traduz a falência do sistema até então adotado, *comprovadamente condenado*, do qual o SAM era um simples instrumento, e o desinteresse da sociedade em questionar o tratamento dispensado pelo Estado a esse grupo populacional.

Não se pode negar a importância da fotografia como documento/monumento da memória coletiva de um grupo, de uma instituição ou de uma sociedade e como recurso que possibilita a reconstrução da história. As fotografias neste estudo em questão permitiram recuperar a história de um grupo de meninos e meninas, que tiveram seu passado silenciado quando os documentos de que as fotografias faziam partes foram arquivados, e desvendar a

imagem de criança desejada pela sociedade, que se utilizou da imprensa para expor seus projetos.

Se considerarmos os dados levantados e analisados, sobre os jornais da década de 50 do Distrito Federal, pode-se afirmar que as notícias divulgadas no *Jornal do Brasil* sobre as crianças do SAM foram lidas pela elite e pela classe média, que naquele contexto, embora conturbado, tinham poder para influenciar e alterar as ações e políticas governamentais, mas pouco fizeram.

Por isso, como alertou Nelson Werneck Sodré (1999), estudar o modo de difusão de idéias e informações veiculadas pela imprensa, pode nos permitir analisar a formação da própria sociedade brasileira.

O fracasso institucional se deu pela omissão do Estado e dos responsáveis no cumprimento de suas obrigações, que eram: garantir a oferta de um atendimento qualitativo; a contratação de profissionais qualificados para o trabalho; a disponibilização de recursos materiais e financeiros necessários para o funcionamento adequado da instituição e a eficácia em sua distribuição; e a implementação das políticas sociais necessárias para a superação dos fatores que levaram as famílias a internarem seus filhos.

Outro ponto a ser destacado, após a análise de todo o material levantado, é que parece que tanto o jornal como a Comissão de Sindicância não se deram conta efetivamente da situação retratada, ou seja, da ausência de direitos das crianças, das violações diárias dos direitos humanos, demonstrados nos maus tratos sofridos pelas crianças e nas condições de vida a que foram submetidas. O esquecimento da história do SAM e de seus tutelados pode significar uma tentativa de apagar os vestígios dessa inoperância institucional, da opressão e do longo tempo de descaso da sociedade para com os meninos e meninas (des) protegidos pelo Estado.

Vale lembrar que algumas críticas apontadas pela imprensa e pela Comissão, no que tange a questão do atendimento institucional a crianças e adolescentes, até hoje ainda não foram resolvidas: a falta de unidade dos métodos educativos e assistenciais, de planejamento e de coordenação entre governo e instituição, que resulta na dispersão de esforços e recursos; o tratamento homogêneo dos meninos e meninas sem distinção e sem clareza do problema a ser assistido; e a ausência de projetos pedagógicos efetivos.

No fim, mais do que respostas, esse trabalho fez surgir uma série de novos aspectos que poderiam ser analisados, mas que se estenderiam para além do objetivo inicial. Isso não me impede de destacar as questões que considero importantes de serem futuramente aprofundadas, tais como: a grande incidência de internação de negros e mestiços, o que não aparece nos inquéritos estatísticos da época; como as instituições tutelares lidaram com a sexualidade, especialmente a sexualidade feminina; as estratégias adotadas de controle e disciplinamento dos internos e as táticas de resistências e reações ao controle imposto; e as relações institucionais estabelecidas entre as famílias dos meninos e meninas.

Considerando a idéia de fotografias como um universo pleno e fértil de informações, a leitura das matérias e do relatório preencheram as lacunas e dúvidas na interpretação das imagens, possibilitando responder como, por quem, para que foram geradas e conhecer o cotidiano institucional, e o estabelecimento da inter-relação entre texto e imagem e sua contextualização.

A imagem não vale por mil palavras como tentei mostrar, pois sua polissemia além de permitir diferentes leituras, o que a torna subjetiva, obriga-a interagir com outras, situando-as num determinado contexto, para que tenha sentido e possa ser compreendida, embora ponha em evidência aspectos que dificilmente seriam revelados claramente pelo texto escrito.

A fotografia pode ser concebida como instrumento e objeto de pesquisa quando ela é tomada como fonte privilegiada para estudos e pesquisas, ou seja, como recurso utilizado pelo pesquisador para buscar informações sobre ela mesma e sobre fatos, lugares e pessoas por ela retratados, produzindo uma reflexão ou investigação que tenha valor científico. Mas não há um caminho prévio na pesquisa qualitativa e historiográfica com fotografias, estabelecer esse caminho faz parte dos procedimentos metodológicos. As perguntas vão surgindo à medida que os dados e fatos vão sendo apurados, o que não significa que não haja uma direção teórica.

Há que se compreender, no entanto, que as invenções e a valorização de certos aspectos são determinadas pelos momentos históricos propícios para sua compreensão e uso. Como lembra Le Goff (1990), o fato é construído pelo historiador que o elegeu.

Conseguir reconstruir a história das fotografias me deu muita alegria, mas também muita tristeza. Alegria porque pude demonstrar as possibilidades de uso da fotografia como

instrumento e objeto de pesquisa. Tristeza pela revelação das imagens de uma história de sofrimento e maus-tratos de crianças e adolescentes pobres no Brasil. Fotografias que foram publicadas e discutidas pela imprensa, pela sociedade e pelas autoridades, porém permaneceram abandonadas e esquecidas nos arquivos da Cidade. Ma no fim, entre fotos e papéis, textos e poemas, revirando caixas e arquivos, entre documentos e narrativas pude despertar histórias e contar andanças e ler imagens de gentes que mereciam outras vidas, outras trajetórias...

Referências Bibliográficas

1. Jornais e Revistas Ilustradas.

JORNAL DO BRASIL. Março de 1959.

_____. Dezembro de 1959 a março de 1960.

_____. Julho a agosto de 1960.

_____. Março de 1961.

_____. Novembro de 1961.

REVISTA O CRUZEIRO. de 07 de maio de 1960.

_____. De 11 de junho de 1960.

2. Documentos do Arquivo Nacional

Fundo FCBIA, cx. 4937, pacote. Comissão de Sindicância do SAM, 5 vol.

BRASIL. Relatório da Comissão de Sindicância do Serviço de Assistência ao Menor. Rio de Janeiro, 1961a. mimeo.

_____. **Relatório da Comissão de Sindicância do Serviço de Assistência ao Menor.** Rio de Janeiro, 1961b. mimeo.

3. livros, artigos e periódicos

ALVES, Nilda. *Nossa lembrança da escola tecida em imagens.* In CIAVATA, Maria e ALVES, Nilda (orgs.) **A leitura de Imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação.** São Paulo : Cortez, 2004.

_____. *Decifrando o pergaminho - o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas.* In. OLIVEIRA, Inês Barbosa e ALVES, Nilda. **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes.** Rio de Janeiro : DP&A, 2001, pp.13-38.

_____. *Sob redes de conhecimento e currículos em redes.* **Revista de Educação AEC - Um paradigma para a escola do século XXI?...** Brasília : AEC, jan/mar. 2002, ano 31, (122), p.94-107.

_____. *Os Romances das aulas.* **Revista Movimento - Profissão docente: teoria e prática.** Niterói : Faculdade de Educação/ UFF, set. 2000, (2) p.7-32.

ANDRADE, Moacyr. *As páginas de um jornal podem ir para o lixo ou entrar para a história*. In. **Revista de Comunicação**. Rio de Janeiro : Ed. Bloch. 1985, ano 1, v. 2. p.17-20.

ARBEX JR. , José. **O jornalismo Canalha: a promiscua relação entre a mídia e o poder**. São Paulo: Ed. Casa Amarela, 2003.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**. Santos : Martins, 1967.

_____. **Jornal, História e técnica: as técnicas do jornalismo**. N.2. São Paulo : Ática, 1990.

BAZILIO, Luiz Cavalieri. **O menor e a ideologia de segurança nacional**. Belo Horizonte : Ed. Veja/Novo Espaço, 1985.

_____ et alii. **Infância Tutelada e educação: história, política e legislação**. Rio de Janeiro: Ravi, 1998.

BERNAL, Elaine Maria Bueno. **Arquivos do abandono: experiências de crianças e adolescentes internados em instituições do serviço Social de Menores de São Paulo (1938-1960)**. São Paulo : Cortez, 2004.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo : UNESO, 2002

_____. Como confiar em fotografias. In: **Caderno Mais** / Folha de São Paulo, 4/02/2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2003.

_____. **A invenção do cotidiano: a arte de nutrir**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2003.

FREUND, Gisèle. **La fotografía como documento social**. Barcelona : Editorial Gustavo Gili, 1983.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo : Ateliê Editorial, 2001.

_____. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo : Ateliê Editorial, 2002.

_____. *Estética, memória e ideologia fotográficas: decifrando a realidade interior das imagens passadas*. In. **Acervo** Revista do Arquivo Nacional. Vol. 6, n. 1-2 (jan./dez. 1993). Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 1993.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas : Ed. UNICAMP, 1990.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro : Mauad, 1999.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre fotografia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do jornalismo Ocidental**. Chapecó : Grifos; Florianópolis : Letras Contemporâneas, 2000.